Anno 13 — Rio de Janeiro 1888. — Nº 487

Revista Illustrada

Corte
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

Publicada por Angelo Agostini.
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
à Rua de Gonçalves Dias, Nº 50, Sobrado

Provincias
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso 1$000

Uma solução á chinfrinada policial: Alguns dias de xadrez, negando-se-lhes até agua, e a ordem ficará restabelecida — o que será um beneficio para o partido da dita e uma consolação para todos.

REVISTA ILLUSTRADA

Rio, 3 de Março de 1888.

OS NOSSOS DESENHOS

Graças á actividade e diligencia dos nossos amigos de S. Paulo — que não sabem o que são difficuldades — podemos, hoje, dar aos nossos leitores, os retratos do infeliz Delegado de Policia Joaquim Firmino de Araujo Cunha, de sua esposa e filhinha, assim como de alguns dos principaes indigitados como assassinos.

Foi grande o esforço a dispender, para reunir, n'um lugar affastado como a Penha, todos esses elementos dispersos, uns perdidos em meio da catastrophe, outros negados com toda a má vontade e acinte!

Mas, a dedicação dos nossos amigos e correspondentes supperou as difficuldades, fazendo-nos chegar ás mãos essas numerosas photographias, que permittem pôr sob os olhos do publico o quadro, quasi completo, da medonha tragedia do Rio do Peixe, tanto do lado das victimas, como dos algozes.

Aos nossos amigos, que tanto se interessaram por isto, d'aqui enviamos um sincero agradecimento.

DA TRAGEDIA, Á COMEDIA

São passados 21 dias e algumas horas, depois, que, n'uma florescente cidade de S. Paulo, um grupo de sicarios, em numero de 200 ou 300, atacou ás 4 horas da manhã, o lar feliz e risonho, de Joaquim Firmino de Araujo Cunha, assassinando-o com uma crueldade e uma covardia, como não ha memoria.

Todas as peripecias da horrivel tragedia estão recompostas e tão palpitantes de realidade, que cada qual póde dizer, que assistiu ao desdobrar do luctuoso e sinistro attentado. Como se fossemos testemunhas de vista, temos, todos, gravados na imaginação esses horrores de um lár indefeso, assaltado á noite e entregue á furia dos sicarios. Vemos a figura de Joaquim Firmino, cheia de intrepidez, pondo-se á frente dos assassinos, tentando resistir, em vão, e clamando-lhes :

— Vocês o que querem, é matar-me! Pois matem-me. Aqui estou!

Aos pés da malta dos assaltantes está uma senhora, que pede misericordia. E' insultada e maltratada, com pancadas brutaes.

A filhinha do Delegado ajoelha-se, e pede que poupem a vida do pae. Um dos facciноras atira-a, para longe, com um pontapé.

Passam-se alguns instantes. A vociferação e a sanha dos bandidos cresce. Joaquim Firmino recúa. Um homem só e inerme, não pode resistir a duzentos! Cae prostrado pelas pancadas; e, como agonizasse, um dos bandidos, James Ox Warne, quebra-lhe o pescoço, volta-lhe a cabeça para as costas e pergunta, aos capangas :

— Já viram um homem n'esta posição?

E' medonho!

A malta de assassinos, tenta fazer outras victimas. Todos fogem. Ella, então, arromba varias casas, rouba tudo o que encontra e destróe o que não póde levar.

Taes são os traços geraes do crime do dia 11 de fevereiro, que hoje abala todo o paiz e tem triste repercussão no estrangeiro.

No dia seguinte, a cidade da Penha está sob o dominio do terror, e despovoa-se.

As auctoridades, então, accorrem. Abrem inquerito, verificam tudo, e expedem mandato de prisão contra 24 dos principaes chefes dessa horda de assassinos.

Deixam passar o tempo preciso para que a noticia da ordem de prisão chegue aos delinquentes, que se dispersam.

Do dia 14 até ao dia 24 nada mais se faz. Mas, n'este dia, como uma satisfação á consciencia publica, irritada, sae uma força em demanda dos criminosos; mas, é escusado dizer, que regressa, sem nada conseguir.

Ha 21 dias, já, que este crime está impune, e, por toda a parte, o povo começa a descrer de que a justiça dê á sociedade, a reparação a que esta tem direito.

E os dias passam-se e cada um d'elles leva comsigo os restos de confiança, que as populações ainda tinham nas auctoridades constituidas.

Estas fingem, apenas, quererem cumprir os seus deveres.

Mas, nada fazem de dicisivo.

Oh ceus! quanto cynismo!

Pois, haverá quem, depois de uma tragedia d'estas esteja representando uma comedia?

Julio Verim

Varrendo o oceano...

Um espirituoso articulista, estudando a politica do Sr. Paulino, no Rio de Janeiro, compara-a com a historia de uma Mrs. Paddington, uma velha que morava á beira mar e que possuia uma vassoura, que era um terror domestico.

Marido, filhos e servos, todos tremiam diante do instrumento da temivel dama.

Uma vez, porem, subindo a maré, extraordinariamente, e invadindo-lhe a casa, ella empunhou a vassoura e começou a varrer as ondas, furiosamente, para fóra...

E, quantas mais vassouradas distribuia, para a direita e para a esquerda, mais a agua se agitava e mais a casa era invadida.

O Sr. Paulino, diz o articulista, é a moderna Mrs. Paddington, querendo luctar, com a sua vara de chefe, contra as forças mais ingentes do seculo — contra o influxo das grandes ideias, em nome dos interesses mesquinhos da politica de aldeia.

Continúe S. Ex. a brandir o seu aguilhão contra a onda, e, depois, diga-nos como vae da sua tosse. Sim?

Estas auctoridades...

Em Pernambuco, tendo um jornal affirmado que não havia auctoridade policial na comarca do Cabo, o Sr. chefe de policia, que dá pelo nome de Ribeiro Vianna, conhecem? dirigiu um officio ao commandante superior do Cabo, tenente-coronel Albuquerque Lima.

O chefe de policia, pois, ancioso por desmentir, solemnemente, a folha que ousara fazer tal affirmativa, ficou esperando a resposta, cheio de impaciencia.

Passam-se dias e — nada.

Elle damna, esbraveja, pinta o sete, não sabe a que attribuir o silencio do seu subalterno.

Afinal, inclina-se á hypothese de que o tenente-coronel tenha-se passado para a opposição.

N'este interim, o theor do officio é conhecido, e o proprio jornal, que fizera a affirmativa, descobre o seguinte : que o coronel Albuquerque Lima é fallecido, ha perto de quatro annos.

E o chefe de policia de Pernambuco ainda está a pensar que elle se passou para a opposição, quando a verdade é que se passou para a outra vida!...

E, que tal?

Custa a crêr que houvesse, no Brazil, um jornal, que procurasse justificar o attentado do Rio do Peixe.

Dá-nos a *Redempção*, esta triste noticia, fazendo-nos conhecer o nome d'esse jornal, digno de um Muzeu.

Pois se até as *Novidades* disseram que aquillo era uma vergonha!

Mas, acrescenta a *Redempção* :

« Indague-se quem é esse jornalista e vae-se conhecer um maltrapilho, um bajulador vulgar, um d'esses homens que vive do estomago e é cappaz de todos os actos baixos, improprios da raça humana. Dá-nos nojo, até, escrever esta noticia, porque é dár importancia a um jornal, que, esquecendo-se da sua missão, envergonha o jornalismo.

Felizmente, bem perto de nossa cama existe um creado mudo, depositario d'esses jornaes, que, em vez de prégarem o progresso, annunciam pretos fugidos e escrevem artigos asnaticos, como o escreveu a *Gazeta da Bocaina*.

Para o creado mudo, *Gazeta da Bocaina!* Eu preciso de ti para servir de arco a certo rabeção sem cordas.

Vae escrever para o diabo que te carregue!»

Trop fort !

Parece que o *Diario Official* não se resigna, de boa mente, á vida modesta, que a concurrencia dos co legas lhe cria.

Aquellas paginasinhas nullas e pretenciosas, de vez em quando, teem suas velleidades de revolta e tentam fazer sensação, dár escandalo, chamar sobre si a attenção do universo, em peso.

Para esse effeito nada melhor do que a litteratura realista, naturalista ou como lhe queiram chamar...

Assim, quem tiver a coragem ou a resignação de lel-o, terá de dar, uma vez ou outra, um pulo na cadeira.

Foi o que nos aconteceu, lendo o numero de 17 do corrente, ao fim da pagina 8.

Eis o trecho, com que deparamos :

« Matae me, que bem tendes de vos vingar em mim, que eu comi a fulano vosso pae, e a tal vosso irmão, e a tal vosso filho, fazendo um grande processo a muitos que havia comido d'est'outros etc. »

E, depois de um trecho d'estes, ainda o *Diario Official* escreve, com todas as lettras, a palavra *continúa*.

Não ! Não ! E' melhor não continuar...

Uma declaração

Sabendo-se que entre os principaes auctores do barbaro assassinato do delegado de policia Joaquim Firmino, estavam dois norte-americanos, que tinham tomado parte na guerra sulista, causando esse facto grande impressão, a *Gazeta da Tarde* publicou o seguinte :

« O consul geral dos Estados Unidos auctorisa a declaração de que os Srs. Dr. James Ox Warn e John Klink, implicados no assassinato do delegado de policia no Rio do Peixe, não são cidadãos norte americanos.

Não consta do registro de cidadãos norte-americanos, neste imperio, que estes homens jamais fossem americanos. »

A verdade é que esses dois indiciados, contra os quaes já foram expedidos mandados de prisão, vencidos no campo de batalha, repudiaram sua patria, e parece que se naturalisaram brasileiros.

Foram elles que instigaram os fazendeiros á practica do crime, dizendo-lhes que elles pareciam ter sangue de baratas e outras cousas do mesmo jaez.

As accusações contra esses norte-americanos, naturalisados ou não, são tremendas.

E' muito natural, pois, que nenhum paiz os queira ter como subditos.

*
* *

D'AQUI E D'ACOLA'

Ganha fama e deita-te a dormir ! diz o proverbio, e é bem exacto.

Assim, um sujeito, ouvindo a narração do crime dos dois soldados, exclamou :

— Esta policia do Rio de Janeiro está, mesmo, que é uma miseria !

*
* *

De uma dama do grande mundo, cuja virtude era coroada por um chinó, que lhe dava um aspecto de camapheu, dizia um cortesão :

— E' uma senhora muito virtuosa...

— Sim, tornou-lhe outro, é como Samsão. A sua força está nos cabellos.

*
* *

Um velho casado com uma moça bonita, perguntava a um medico se aos cincoenta annos se podia ter filhos.

— Pois não !

— E, aos sessenta, doutor ?

— E.' mais raro.

— E aos setenta ?

— Ah ! aos setenta sempre !

*
* *

Simplicio recommenda ao creado que o acorde ás 6 horas da manhã, para tomar o trem.

O creado cumpre a ordem, á risca.

Ao bater á porta, Simplicio pergunta, extremunhado :

— Que horas são ?

— São seis.

— Oh, estupido ! Como hei de agora apanhar o trem ? Não me podias dizer que eram seis horas — ha mais tempo ?

*
* *

Ordenança militar : Preso por 48 horas o soldado fulano, por ter dado um pontapé no cavallo, que lhe não tinha dado nenhum couce.

DOMINÓ.

CAPITÃO-TENENTE LEITE LOBO

Os nossos leitores já estão ao facto de todos os incidentes da prisão brutal do capitão-tenente Leite Lobo.

E' uma scena de selvageria, que humilha uma nação inteira e o resultado das ordens, que ha tempos, são dadas á policia da côrte, composta dos peiores elementos possiveis.

O facto da policia maltratar individuos embriagados, é frequente, bem contra os protestos indignados de toda a imprensa.

Habituada a proceder assim, para com pobres individuos, e não tendo tido correctivo, aconteceu encontrar um capitão-tenente da armada, que pelo seu estado mental enfraquecido, ella tomou por um embrigado, espancando-o e maltratando-o, de um modo brutal.

Até aqui, o facto é, simplesmente, grave.

Apparecendo, porém diversas pessoas classificadas, que affirmavam ser o preso um official de marinha, a policia continuou no seu proceder inqualificavel.

O facto, tornou-se, então, gravissimo.

Officiaes do exercito e da marinha foram tratados com menos consideração por esses assalariados e até um tenente coronel do exercito foi desrespeitado.

Em que paiz estamos ? Quasi que desconhecemos nossa patria !

A linguagem dos policiaes era irrespeitosa e baixa. Elles diziam :

— Qual official ? Está, mas é, na chuva.

— Como ? perguntava o Sr. Beaurepaire, sem comprehender esse calão da plebe—Que negocio de chuva, é este ?

—

A[illegible] de fazer commentarios, so[illegible] vergonhosa scena.

O que dizemos é o seguinte : quando as auctoridades superiores, que dirigem a policia são o que nós sabemos, os agentes da ordem, os guardas da paz, como lhe chamam em outros paizes, tornam-se um verdadeiro perigo social.

—

D'esta vez, porém, as providencias hão de ser dadas.

Ainda ha, no Brazil, alguma cousa superior aos politicos sem escrupulos e ás corporações desmoralisadas.

O que é certo, porém, é que nunca estivemos tão perto da guerra civil.

Os desmandos do governo e dos seus asseclas hão de encontrar, algum dia, um paradeiro.

E esse dia parece chegado !

S. Paulo, brilhando !

Quintino Bocayuva teve, sem duvida, ha dias, uma inspiração feliz, quando referindo-se a esta gloriosa provincia, lhe chamou o *Estado Federal de S. Paulo*.

Praticamente, a integridade do imperio é, hoje, uma utopia, porque os politicos retardatarios teem conseguido dar a algumas provincias um tal espirito de iniciativa, que ellas vão-se governando por si, fazendo o que querem sem darem satisfações a ninguem e até—isto é grave ! contra a vontade expressa do governo central.

E' frisante o exemplo da autonomia, adquirida, á força, por essa provincia que se está tornando o fanal de todas as suas irmãs.

S. Paulo convenceu-se de que era preciso abstrahir do governo, para caminhar.

Tentou os primeiros passos, com o esforço exclusivo dos seus filhos e viu que ia muito bem.

Continuou, pois.

Quiz ter vias ferreas e teve-as. O appopletico do Ribeirão Preto, desde esse dia, mudou-se para o Rio de Janeiro.

Em seguida, quiz ter immigração e zás ! ella ahi está, em ondas continuas, á chegada de todos os vapores.

Pouco tempo depois, pensou lá com os seus botões :

— Isto, de ter presidentes, vindos das secretarías da côrte, não nos serve. Olham mais para o governo, do que para nós. Além disso é desafôro ! Olá, Sr. governo, fique sabendo, que, de hoje em diante, não toleramos, mais, presidentes—que não sejam paulistas !

O governo, resmungou, ficou damnado da vida, mas, não teve remedio senão fazer cara alegre e concordar.

E' escusado dizer, que cada um d'esses factores ia dando immenso impulso á provincia e engradecendo-lhe as forças.

Restava uma grande obra : a abolição. Encetada, com exito, por Luiz Gama, continuada, miraculosamente, por Antonio Bento, só lhe faltava um impulso de personagem influente, para se tornar uma realidade.

— Vamos á emancipação ! disse o Sr. Prado, para começar. Dias depois, já nos fallava em libertação, e, agora, está todo abolicionista. Isto, é que é progresso !

A verdade é que o illustre senador, ao passo que vae libertando a sua provincia, vae-nos captivando, a nós.

A Revista" continua no goso da mais perfeita saude, graças a não ter encontrado nenhuma féra escapada do quartel do Campo d'Acclamação e do Corpo Policial da Côrte.

Como se sabe, duas praças compraram umas facas n'uma loja de ferragens, e em pagamento das ditas tentaram assassinar o dono da casa, que ficou gravemente ferido.

Em seguida, trataram de experimental-as na pelle de quem encontravam diante de si. — Aguenta, negro! disse um, enterrando a arma homicida no hombro de um pobre preto, emquanto outro cravava a sua no pescoço de outra victima!

E assim percorreram algumas ruas espalhando o terror.

Mais adiante, dois individuos foram igualmente feridos, um no braço, e outro no peito.

Chegando ao Campo d'Acclamação investiram contra um bond e como os passageiros, cocheiro e conductor fugissem, matarão o pobre animal, a facadas.

Perseguidos pelo clamor do povo, refugiaram-se no quartel, onde foram presos.

A policia, a seu turno, tambem fez proezas prendendo o Capitão-Tenente Leite Lobo, maltratando-o, esbordoando-o, apezar das suas reclamações de ser official da Armada, terminando por mettel-o na enxovia entre vagabundos e ebrios. Ahi o conservou toda a noite, negando-lhe até agua para beber!

Esse acto inqualificavel da policia, exasperou os officiaes da Armada, que subiram a serra, isto é, ás estadas do Club, para... ver no que paravam as modas.

Os officiaes do Exercito, igualmente escamados com o desrespeito com que um alferes de policia tratou um tenente-coronel de linha, tambem se reuniram para... o mesmo fim.

Menos circumspectos que os seus superiores alguns marinheiros foram ás alcoitas com a policia, em varios encontros, havendo ferimentos graves de parte a parte.

Afinal, o governo teve de lançar mão da cavallaria de linha para manter a ordem, visto que a policia só serve para fomentar a desordem.
A cidade acha-se em estado de sitio.

Um dos jornaes da tarde foi quasi dominado de assalto aos gritos de:— Morra o corsario do governo!

A sua attitude, que a principio foi vacillante e contou um eclypse, é, agora, franca e dicisiva, como a de quem perde o mêdo a um phantasma, que, para S. Ex. era a palavra *abolicionista*.

E, agora, mais um motivo se junta a todos os que tinhamos, para apreciál-o!

Os discursss de S. Ex. no dia do seu natalicio e da libertação da capital, recommendam-se não só por serem bem lançados e eloquentes, mas, sobretudo, por serem... curtos.

Quando um politico chega a reconhecer a vantagem e a superioridade dos discursos pequenos, tem dado da sua intelligencia e da bondade do seu caracter, a maior prova. Uma das coisas mais compromettedoras dos creditos de um politico e mais aflictivas, para um auditorio, é — um discurso longo.

Appellamos para todas as victimas da rhetorica!

O homem que se mostra possuido d'esta bella convicção, espalha um immenso linitivo pela sua patria e pelos seus ouvintes.

Dá a maior prova da sua capacidade e está apto para tudo.

A presidencia do conselho espera-o, assim como os applausos de todas as victimas dos discursos cacetes, a perder de vista.

Um bravo, pois, ao Sr. Prado, e, para provar-lhe que o nosso enthusiasmo é sincero, salte o seu bello e curto discurso do dia 25!

« A libertação da capital da heroica provincia de S. Paulo, satisfazendo as nobres, generosas e patrioticas aspirações dos sinceros e devotados propugnadores da causa da abolição, attesta a pujança da iniciativa dos paulistas, nos seus mais arrojados emprehendimentos.

As reaes necessidades da lavoura, as novas condições do trabalho agricola, já modificado, na provincia, pela benefica influencia da immigração, exigiam a suppressão de prompto, dos galhos da arvore secular da escravidão, que estendiam densa e esterilisadora sombra, sobre esta parte do solo nacional, para que, exposto á luz vivificadora do sol da liberdade, pudesse nelle medrar o trabalho livre, que fecunda a terra, nobilita o homem e engradece as nações.

Felizmente, na provincia de S. Paulo, o compenetrar-se da necessidade e da opportunidade de algum emprehendimento é realizal-o; o querer é poder.

Este ennunciado tem a sua mais eloquente demonstração nesta campanha heroica da libertação da provincia, na qual todas as classes da sociedade, desde o opulento capitalista, o grande proprietario, até o simples operario, formando um só exercito, á sombra da mesma bandeira, proseguem de victoria em victoria, proclamando a libertação dos municipios.

A libertação da capital, acclamada hoje pelas enthusiasticas manifestações de regosijo da sua illustrada e briosa população, não é menos gloriosa que a dos mais importantes municipios agricolas da provincia.

Associo-me, portanto, ás vossas manifestações, agradecendo-vos a lembrança da escolha do dia de hoje para solemnisar tão faustoso acontecimento, e, abstrahindo da minha individualidade, que desaparece perante a grandiosa obra da libertação da capital, aceito as vossas honrosissimas felicitações como tributadas a essa causa, que é hoje dos paulistas, e que será amanhã, posso assegurar-vos, a de todos os brasileiros.»

Muito bem!

Fica provado, que n'um discurso de meia columna se póde dizer... o diabo!

S. Marcial

O FIGURINO E A ESPADA

Eu sou quasi creança ao lado das creanças,
Esses anjos do céo que passam pela terra
A trazer-nos a paz n'esta existencia em guerra,
Onde vão de vencida as nossas esperanças.

Como é bom conversar ácerca de mil nadas
Com essa multidão de credulos attentos,
Que nos mostram no olhar os seus deslumbramentos,
Pensando, noite e dia, em principes e em fadas.

Gostam tanto de ouvir contar historias... tanto!
E é tão facil, por fim, fazer-lhes a vontade,
Que todo o que tiver um filho, ao menos, ha de
N'isso tudo—que é nada—achar um novo encanto.

Eu tenho uma sobrinha, um sonho florentino,
Que bem cedo ha de ser um anjo, entre as mulheres!
E hontem, ao sahir perguntei-lhe:
— Não queres
Outra boneca?
— Não... Eu quero um figurino!

N'isso, ouviu-se lá dentro uma infantil risada...
E o Alvaro a correr dos quartos para as sallas,
Gritava-me:
— Papae, hoje eu não quero balas...
Vou guardar meu tostão p'ra comprar uma espada!

MUCIO TEIXEIRA

O crime de dois soldados

Domingo ultimo, assistiu esta capital a uma scena selvagem, que encheu de indignação o povo.

Dois soldados do 1° regimento de artilheria, dirigiram-se a uma loja de ferragens, da rua do Senador Euzebio e pediram facas. O dono da casa mostrou-lhes algumas, escolhendo os compradôres duas e entrando em ajuste sobre o preço.

De repente, porem, um delles disse:

— Dê cá o troco dos dez mil réis, que lhe dei.

— Que dez mil réis? O senhor não me deu dinheiro algum.

N'isto, um dos soldados arranca a faca, que o dono da loja segurava pela lamina, decepando-lhe 3 dedos, e brandindo, com ferocidade a arma, descarrega-lhe um golpe mortal, no peito.

Aos gritos das pessôas presentes, os dois ferozes aggressores sahem correndo, brandindo as armas, e atacando os transeutes.

A um pobre preto, que estava encostado a uma arvore, clamam:

— Aguenta, negro!

E descarregam-lhe uma facada, que o mata instantaneamente.

Correndo, como loucos, de faca em punho, com as roupas banhadas de sangue, investem contra as familias, que estavam ás janellas, e que fogem espavoridas.

Pelo caminho, vão ferindo, a torto e a direito, todos os que lhes ficam ao alcance.

Chegados á estação da Estrada de ferro, investem com um bond. Os passageiros, de que, longe seguiam esta scena de ferocidade, assim como o conductor e cocheiro, fogem.

Os assassinos, então, seguram o animal e matam-n'o, a facadas.

Entretanto, grande multidão se junctara e aos gritos de morra! investem com os assasinos, atirando-lhes parallellipipedos, que, infelizmente, não os mataram.

Vendo que a multidão acha-se disposta a fazer-lhes justiça, ali mesmo — o que seria optimo — os infames bandidos, correm e abrigam-se no quartel, que ali fica proximo.

Immediatamente recolhidos á enxovia, custou muito a conter o povo, que queria fazer justiça, séria e summaria.

Um tal crime, por ser commettido por soldados e pela circumstancias revoltantes que encerra, tem causado enorme indignação.

A' uma, todos pedem a pena de morte para estes vis bandidos.

Pela nossa parte, não nos oppomos.

CONTOS TRANSPARENTES

BABYLONIA

(Continuação)

Posto que não se soubesse, ao certo, qual o genero de catastrophe que victimára a expedição, uma coisa era certa e cathegorica: a destruição fizera-se, por meio do fogo.

Sobre esta base, cada formiga que referia, a outra, o acontecimento, descrevia-o como melhor lhe parecia, de accordo com o poder da sua imaginação, acrescentando-lhe sempre, não um ponto, mas muitos.

Para algumas, era um grande paiol de polvora, tido pelos homens, para as suas guerras, sempre eminentes, que rebentára, e causara todas aquellas desgraças.

A que ouvia esta narração, não a achando verosimil, contava que no momento em que a expedição se entregava aos seus labores, déra-se a erupção de um medonho vulcão, que engulira e carbonisara quasi todo o exercito.

Esta, relatando o occorrido, mencionava, que os diabos, cançados de viverem no centro da terra, tinham feito uma revolta, e abrindo o solo, as labaredas sulphureas irromperam no lugar da expedição, matando quasi tudo.

— E tanto isto é verdade, acrescentavam, que até foram vistos varios demonios, brandindo fachos acesos!

Emfim, conforme a noticia se affastava do lugar em que fôra dada, assim tomava as fórmas mais extraordinarias e mais phantasistas.

Cada qual queria dar ao acontecimento um tom mais tragico, mais maravilhoso e mais sobrenatural!

Em poucos momentos, o simples facto da queima de um formigueiro, por fachos, coisa tão commum! era um paiol que voára, era um vulcão que fizera erupção, era o inferno que se abrira, na superficie da terra!

A explicação mais extraordinaria era, já se sabe, a que mais acreditada.

E, sempre, como nos momentos de terror, as imaginações voltavam-se para a divindade, pedindo misericordia, de modo que, no meio dos choros e das cons-

ternações, só se ouviam d'estas esclamações.

— Deus do céu !

— Santa Barbara virgem !

— S. Jeronymo !

— *Minha* Nossa Senhora !

No meio d'aquellas, uma formiga que parecia mais edosa, e cuja fronte tinha o quer que fosse que symbolisava o genio e a sciencia, meneando trez vezes a cabeça descontente, como aquelle velho que via partir a expedição de D. Sebastião, exclamou :

— Estaes, todas, tomadas de loucura e não sabeis o que dizeis, nem o que fazeis ! A cathastrophe, que todos lamentamos não é castigo dos céus nem é obra do inferno. Lembrai-vos do que vos tenho dito ! Aos nossos inimigos, os homens, é que se deve isso !

Como sempre, a simples exposição da verdade, motivava um côro de indignação.

— Os homens ? Que absurdo ! Pois elles teriam lá a audacia de fazerem uma cousa d'essas ?

— Isso é uma utupia !

— A tua bocca acaba de proferir uma blasphemia !

— Fora ! fora ! gritavam as mais exaltadas.

— Obra dos homens ? Que loucura !

— E' dar-lhes muita honra !

— Bocca que tal diseste ! pensava, lá comsigo a formiga sensata.

Mas, a indignação crescia, contra ella.

— E' um opprobrio, que haja entre nós quem pense assim !

— E' verdade !

— Morra !

— Morra !

(*Continúa*.)

AINDA E SEMPRE OS CAPOEIRAS !

Ha, quasi meio seculo, que este titulo desesperador não sae da GAZETILHA dos nossos collegas do *Jornal do Commercio*, e, com tal insistencia, que muitos espiritos levianos já o teem na conta de uma caceteação.

Para nós, o *Jornal* é digno de todos os elogios, pela sua constancia.

Se em todos os pontos elle pensasse do mesmo modo, e manifestasse a mesma energia, ah ! então a sociedade brazileira teria muito de que regosijar-se.

Infelizmente, porém, as secções constantes do *Jornal* são essa, a que nos referimos e o obituario.

Sobre todos os outros assumptos, elle borboleteia.

Um dia, quando o vimos dizer ao governo, que o soldado brazileiro não apontaria as armas para os seus irmãos, que estivessem clamando: liberdade para todos ! julgamos que uma terceira secção ia ser aberta, contra o esclavagismo.

Mas, qual ? O *Jornal* achou que com os capoeiras já fazia muito.

Foi pena ! Ainda, assim, pelo facto de não nos dar o mais, não se deve deixar de agradecer, o menos.

Todos os dias, pois, lemos as suas *gazetilhas* sobre os capoeiras. Do obituario lemos apenas o titulo, deixando o resto aos amadores dessa especialidade.

As *gazetilhas* sobre os capoeiras são sempre, muito elequentes.

Todos se indignam, todos se revoltam, com o que ahi vem narrado. Só o governo não se importa. Mas o *Jornal* crê, que agua molle em pedra dura etc. e insiste. Se continuar, vencerá, pois, o governo, só para não estar lendo todos os dias esse caso, e dicidir-se-ha a dar providencias.

Emquanto, porém, ellas não chegam, vamos todos apreciando os progressos que a capoeiragem faz, passando de individuos isolados a grupos, de grupos a partidos, e de pequenos conflictos a batalhas, previamente annunciadas, por meio de certas bandeirinhas.

A coisa ameaça tomar grandes porporções.

Alguns combates entre *guayamús* e *nagôas* teem tido, já, dia, hora e lugar, previamente annunciados, para que o publico e a policia possam assistir.

Não se passará muito tempo, que se não aluguem janellas, por alto preço, para se assistir, a commodo e sem nenhuma especie de perigo, a essas evoluções de cabeças pernas e navalhas.

Já, ha trez dias ou quatro, alguns capoeiras, depois de varias scenas, dicidiram organizar um itinerario, como qualquer prestito, seguindo do largo de S. Francisco, pela travessa do mesmo nome, rua Sete de Setembro, Uruguayana, largo da Carioca e S. José, aonde se escafederam...

E' escusado dizer que o povo abria alas diante d'elles, apressadamente, pois iam clamando :

—Quem tomar-nos a frente, morre !

Resta só, agora, que taes batalhas sejam annunciadas nos jornaes, terminando por um itenerario, aprovado pela policia.

Auguramos grande concurrencia.

João da Cruz

Jogos e Diversões

IS-ME de novo, caros leitores, a dar-vos conta do que se passou desde o dia em que vos propuzemos o problema das 3 torneiras, uma enchendo o tanque em 3 horas, outra enchendo-o em 6, e outra esvasiando-o em 12.

Queria-se saber que tempo levaria o tanque a encher-se.

O problema era destinado aos nossos assignantes do interior e tinha, como premio, uma bonita mala de viagem.

Recebemos diversas soluções, mas, nenhuma exacta, pois o problema era o que se póde classificar —como duro de roer.

A solução é — 2 horas e 24 minutos.

—

Assim, não tendo podido distribuir o premio, como era nosso desejo, passamos a dar novo problema, d'esta vez não muito difficil.

—

As condições são as seguintes :

O premio será conferido ao 5º *decifrador*, pela ordem numerica das respostas certas, recebidas em nosso escriptorio, pelo correio ou telegrapho, como quizerem.

Só terão direito ao premio assignantes nossos do interior.

Nas respostas, o assignante deve enviar o seu nome, que servirá, apenas, para a verificação, podendo subscrever a solução com o nome que quizer.

—

Assim cremos que não haverá duvidas de nenhuma especie, e, que, d'esta vez o problema será resolvido e o appetecido premio terá um legitimo dono.

—

Eis o problema :

Um usurario morre, deixando 2:000$ da sua terça para serem distribuidos do seguinte modo :

Uma parte ao neto ;
O dobro do neto ao filho ;
A metade á irmã ;
Uma terça parte ao genro ;
Uma quarta parte á nora e
40$000 á sogra.

Pergunta-se, quanto tocou a cada um ?

—

As respostas serão recebidos até o dia 31 do corrente.

—

N'esta secção continuaremos a publicar problemas, charadas e enigmas, que nos forem remettidos e que estiverem nas condições.

—

Não façam ceremonia, os amadores !

E' dirigirem suas cartas ao abaixo-assignado.

—

E, agora, mãos á obra.

Thomé Jr.

Aviso

Aos nossos assignantes que se acham em atrazo, rogamos a fineza de mandarem regularisar suas contas, podendo fazel-o em carta registrada, pelo correio ou por qualquer outro modo, pelo que, desde já, lhes apresentamos os nossos agradecimentos.

A ADMINISTRAÇÃO.

Typ. de J. BARBOSA & C. r. da Ajuda 31

O crime da Penha do Rio do Peixe.

Joaquim Firmino, sua mulher e filha, e alguns dos indigitados auctores do crime.

Dª Valeriana de Alvarenga Cunha, mulher de Joaquim Firmino.

O Delegado de Policia Joaqm Firmino de Araujo Cunha, assassinado no dia 11 de Fevº

Julieta, filha de Jm Firmino, de 9 annos de idade.

Manoel Vicente de Araujo Cintra.

José Avelino Gomes da Cunha.

José Gomes da Cunha.

Joaquim Augusto Gomes da Cunha.

Manoel Bento Pereira da Silva.

João Manoel Pereira da Silva.

Olegario Pereira da Silva.

Os fundos da casa de Joaquim Firmino

A – Janella por onde Jm Firmino recuando ante os assassinos, pulou para o quintal: B – Lugar onde acabaram de assassinal-o. C – Fôrno onde a mulher de Jm Firmino [illegible] seu marido, para fugir á sanha dos assassinos.